

Prego, lugar de experimentações artísticas e curatoriais

Prego, a place for artistic and curatorial experimentation

NEIVA MARIA FONSECA BOHNS

Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) - Pelotas - RS

RESUMO

Este artigo trata de um espaço de nome Prego, concebido e administrado pelo produtor executivo e curador independente Chico Soll (Porto Alegre, 1992), que funcionou na cidade de Porto Alegre, RS, de 2018 a 2020. No período em que esteve ativa, a Galeria Prego realizou onze exposições que apresentaram cerca de quarenta jovens artistas, caracterizando-se pelas experimentações artísticas e curatoriais.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Contemporânea. Galeria de Arte. Experiências curatoriais. Galeria Prego

ABSTRACT

This article deals with a space named Prego, conceived and managed by the executive producer and independent curator Chico Soll (Porto Alegre, 1992), that operated in the city of Porto Alegre, RS, from 2018 to 2020. During the period in which it was active, Prego Gallery held eleven exhibitions that presented around forty young artists, characterized by artistic and curatorial experimentation.

KEYWORDS

Contemporary Art. Art Gallery. Curatorial experiences. Prego Gallery

Entre os anos de 2018 e 2020, uma galeria de arte independente administrada pelo jovem artista e gestor Chico Soll,¹ de nome Prego, ocupava uma sala em formato de “L”, no segundo andar de uma casa na rua Garibaldi, nº 1329, no bairro Bom Fim, Porto Alegre, Brasil.² (Figura 1)

Verbo, substantivo ou interjeição, o termo “prego” traz em si várias acepções. Na língua portuguesa praticada no Brasil, “prego” pode ser a conjugação, em primeira pessoa, do verbo “pregar”, que significa “pedir”, “rezar”, “conclamar”, “convencer”, muito utilizado pelos religiosos. Pregar, no infinitivo, também pode referir-se ao ato de fixar algo em algum lugar, através da perfuração de uma superfície com um artefato pontiagudo feito de metal. Servindo para prender e fixar objetos, o prego, parceiro das ferramentas de percussão, como o martelo, é indispensável nas montagens de exposições de arte. Na língua italiana, cara ao mentor do projeto, contudo, “prego” é usado para indicar gentileza e cordialidade, em resposta a um agradecimento. O nome “Prego”, lido de maneira ampla, carregava, portanto, a potência, do “obrigado”, do “seja bem-vindo!”, e do “espaço de trabalho”.

A Prego propunha-se a ser um ambiente de experimentação curatorial e expositiva, com foco em projetos que envolvessem uma novíssima geração de artistas. Trabalhando com uma pequena equipe, Chico Soll organizou a programação da Prego, convidou jovens curadores, realizou curadorias, produziu as exposições e demais atividades, coordenou as montagens e cuidou da divulgação.

O projeto inicial, que tinha como objetivo dar visibilidade ao trabalho de jovens artistas e curadores da cena local, acabou por atrair agentes culturais de outras regiões do país. Partia da possibilidade de divisão de espaço de trabalho com artistas e pequenos empresários. Assim, o aluguel seria dividido entre todos os ocupantes, na casa que abrigava o ateliê da artista Letícia Lopes, a sede da Agência Clava³ e a Okoko&Abel, empresa de fabricação de calçados concebida como um laboratório criativo que mesclava conceitos vanguardistas com processos artesanais.

1 Chico Soll (Porto Alegre, 1992) é produtor executivo da agência Clava e curador independente. É membro do Comitê de Acervo e Curadoria do MACRS e do Comitê de Curadoria da Fundação Ecarta, em Porto Alegre. De 2018 a fevereiro de 2020 foi curador, gestor e produtor da Galeria Prego, espaço autônomo de pesquisa em curadoria e produção de exposições. Em 2019, foi indicado ao Prêmio Açorianos na categoria Curador, pela exposição “Lento Crepúsculo”, realizada com Fernanda Medeiros e Gabriel Cevallos durante a programação do 5º Festival Kinobeat; e um dos idealizadores do Pólvora - Festival dos Espaços Autônomos de Arte. Como curador, investiga principalmente a produção de jovens artistas, nascidos no final da década de 1980 e o início da década de 1990. Seu objeto de pesquisa orbita entre os temas de ubiquidade, identidade, cotidiano e afetividade em lugares digitais ou não. Fonte: Portfolio do artista, disponível em: https://drive.google.com/file/d/1QhB82uHTGpp4s_pfqMxtEbkScl16Mw4X/view. Acessado em 17 de junho de 2021.

2 O mesmo lugar já abrigara um bar alternativo nos anos de 1990 e, posteriormente, a importante Editora e livraria Zouk, fundada por Alexandre Ramos, que movimentou o campo editorial de Porto Alegre com publicações voltadas para a área cultural.

3 A empresa Clava, atualmente sediada em São Paulo, teve sua origem em Porto Alegre, atuando na área da Propaganda e Publicidade, com enfoque em produção visual e imagética.



Figura 1 – Abertura na Galeria Prego, 2019.

Antes de a galeria Prego existir, a cidade de Porto Alegre conheceu projetos com características similares, mais próximos, contudo, das experiências institucionais das escolas e galerias de arte, como o Torreão (1993-2009)⁴, e a Subterrânea⁵ (2006-2015), que se tornaram marcos históricos na formação de apreciadores de artes visuais e mudaram os roteiros culturais da cidade. Muitos dos frequentadores desses dois importantes espaços de arte tornaram-se artistas, curadores, gestores e professores de arte.

Entre o desejo e a repulsa: memórias de um lugar de breve existência

No primeiro ano de funcionamento da galeria Prego, 2018, foram organizadas cinco exposições em caráter experimental e coletivo, abertas respectivamente em julho, agosto, setembro, outubro e novembro.⁶ Em maio de 2019, ano em que as atividades se intensificaram e adquiriam um caráter mais profissional, a galeria realizou outros cinco projetos expositivos, envolvendo duas exposições individuais e três coletivas. Além das exposições, o espaço também recebeu um festival de vídeo-arte, um programa de rádio on-line, conversas com artistas e bancas de trabalhos acadêmicos. No ano de 2020, com a eclosão da pandemia de COVID19, antes de encerrar as atividades, a galeria realizou uma única exposição.

Composta por quatro obras independentes, a vídeo-instalação de Bárbara Baron intitulada “A caminho: estava aqui ontem” (Figura 2) foi apresentada na Prego de seis de abril a onze de maio de 2019. No vídeo “Quintessencial”, a artista apresentava uma seleção de imagens desconexas, que o curador relacionou com a tentativa de “alcançar o sinal das imagens-memória em seu cérebro” (SOLL, 2019). Observa ainda o curador que o processo de “recordar” utilizado no vídeo busca “otimizar a energia do corpo-espírito, eliminando redundâncias até que toda essa energia acabe” (SOLL, 2019). A respeito dos elementos técnicos da obra, acrescenta:

Em um dado momento, a imagem vai se fragmentando em zonas azuis, como se fosse perdendo aspectos dessas memórias. Sobre esse recurso, destacam-se duas informações: dispositivos digitais tendem a suprimir áreas das imagens que consideram redundantes, buscando otimizar o armazenamento e recuperar essas imagens de maneira mais ágil; a tela azul, conhecida por representar falhas críticas em sistemas tecnológicos, tem essa cor por ser a que menos precisa de energia para ser gerada. (SOLL, 2019)

4 No Torreão, fundado e mantido pelos artistas Jailton Moreira e Élide Tessler, que inspirou vários projetos em outras partes do país, havia, de fato, uma pequena torre transformada em espaço expositivo que era ocupada pelos projetos dos convidados. Numa sala mais ampla funcionavam cursos de artes visuais e encontros entre artistas e apreciadores de artes. Vide LUERSEN, 2018.

5 A Subterrânea, misto de ateliê e galeria de arte, funcionando no subsolo de um espaço comercial na Avenida Independência, em Porto Alegre, organizou cerca de cinquenta eventos artísticos, cujas aberturas festivas sempre foram muito concorridas. Administrado inicialmente por Gabriel Netto, Guilherme Dable, James Zortéa, Lillian Maus e Tulio Pinto, o ateliê-galeria transformou o panorama cultural da cidade, tornando-se um ponto de referência para os interessados na produção contemporânea de artes visuais. Vide WAQUIL, 2015.

6 A exposição “Atlas nº 1” contava com obras de Felipe Queiroz, Filipi Filippo, Letícia Lopes, Lucas Schultz, Lucia Marques e Paulo H. Lange; “A última vez”, trazia obras de Ana Júlia Vilela e Roberta Sant’anna; “Burro, termo náutico”, foi uma exposição individual de Miguel Soll com curadoria de Juliana Proença; “Renacer”, foi uma mostra individual de Filipi Filippo, e “Atlas nº 2” mostrou trabalhos de Bruno Eder, Fercho Marquéz, Fernando Moleta, Mariah Philippe, Mariani Pessoa, Rafaela de la Rocha, Tales Macedo e Wagner Olinó.



Figura 2 – Cartaz da exposição “A caminho; estava aqui ontem”.

Com maior potencial para a contestação dos acontecimentos sociais e políticos correntes (que envolviam a ascensão ao poder central de partidos conservadores e de extrema-direita, com perseguições a artistas e ameaças à liberdade de expressão), a segunda exposição de 2019 aberta ao público no período de nove de junho a vinte e um de julho, intitulava-se “A escatologia do corpo glorioso” (Figura 3), contando com a curadoria dos artistas da dupla Ío, Laura Cattani e Munir Klamt. A expressão “Corpo Glorioso” remete aos conflitos teológicos a respeito da fisiologia do corpo humano no paraíso cristão. Já o termo “escatologia” tem duplo significado: no sentido filosófico-religioso, refere-se a uma doutrina que crê no final dos tempos; no sentido coloquial, relaciona-se com o apreço por excrementos e resíduos corporais, sejam eles urina, fezes, esperma, sangue menstrual, vômito, secreções e outros elementos. Visto que o corpo transfigurado não necessitaria do funcionamento habitual do sistema digestivo das criaturas vivas, refletem os curadores:

O sistema digestivo é uma estrutura entrópica que se conecta à organização das espécies neste planeta, mas também signo informe e de contingência de um corpo em contínua transformação biológica, social e cultural, e o direito de falar sobre suas partes ou representá-las, notadamente o ânus, é centro de uma batalha política infundável entre o sagrado e o secular. (ÍO, 2019)



Figura 3 – Cartaz da exposição “A escatologia do corpo glorioso”.

Neste contexto expositivo, Martin Heuser apresentou uma vídeo-performance-instalação intitulada “A pintura não está morta ainda”. Isabel Ramil mostrou a instalação “*Isabel d’après Marcel II*”, com moldes em cera das suas próprias bochechas. Daiana Schröpel expôs um desenho à nanquim sobre papel milimetrado intitulado “*Digitonthophagus gazela*”. Em diálogo direto com a proposição curatorial, Michel Degas produziu a obra “Dê a ele algo que possa sentir (para que saiba que meu corpo é real)”, conjunto de desenhos figurativos feitos com caneta esferográfica sobre papel. Gabriela Mureb apresentou um vídeo em looping, sem título, colocando em exposição sua própria língua, em movimentos lentos de tensão e de relaxamento.

A dupla Ío, formada pelos curadores e artistas Laura Cattani e Munir Klamt, mostrou uma obra tridimensional, feita com chocolate em processo de derretimento, que, ao deslizar de uma prateleira de vidro, deixava marcas na parede e no chão. O desejo de transgressão dos padrões morais cristãos e burgueses foi levado ao extremo na vídeo-performance “Meu cu é uma festa”, da artista Élle de Bernardini, que associa os prazeres infantis às fantasias sexuais adultas.



Figura 4 – Cartaz da exposição “Motes”.

Dando continuidade à programação da galeria, a exposição “Motes” (Figura 4), aberta em vinte e três de agosto de 2019, contou com a curadoria da multiartista e mulher trans Paulete Lindacelva, que já produzia um programa de rádio com entrevistas a artistas.⁷ De acordo com a curadora, a dor e o sofrimento, tão presentes nas narrativas das artistas racializadas, sexo-dissidentes e desobedientes de gênero, tornou-se o principal conceito curatorial da mostra, que surgiu como uma extrapolação das fronteiras da mídia radiofônica: as conversas, por mais detalhadas que fossem, não eram suficientes para que os ouvintes as compreendessem nas suas totalidades. Nas palavras de Paulete,

a curadoria toma essa dor como uma narrativa que se elabora no contraponto às centralidades de artistas tidos como “consagrados” e a necessidade de rompimento com a estrutura da produção de arte majoritariamente branca, hétero cissexual e centrada no ocidente. O questionamento dos paradigmas da arte e a história de cada uma das artistas ajudou a

7 Gravado em São Paulo, o programa encontra-se sitiado na plataforma Cereal Melodia, nas dependências das empresas VOID e CLAVA.

estruturar uma postura de teimosia e afirmação de dissidências. Tudo isso deu corpo a uma utopia que convida o espectador a ser realizada pela experiência e pela não distinção de arte e de política na Motes. (LINDACELVA, 2019)

Com caráter fortemente contestatório, a mostra apresentou obras autorreferentes, que acentuavam a indissociabilidade entre arte e vida, apontando os desafios enfrentados pelas minorias que têm expectativas mínimas de sobrevivência vivendo sob regimes autoritários. Nas palavras da curadora, “quem é sexo-dissidente, quem é preto, vive esse fim de mundo há algum tempo”. (LINDACELVA, 2019)

Daniel Lie apresentou a obra “Imposição de limite”, composta de impressão sobre linho de imagem de dermatite tópica e algodão cru tingido com pigmentação natural de cúrcuma e hibisco. O vídeo “Negrum3”, de Diego Paulino, foi exibido durante a abertura da exposição. Um vídeo sem título e três zines foram apresentados por Distro Dysca e Monstruosas⁸. Felipe Damasco apresentou a vídeo-performance “Sobre desconforto”, da série “Você já ouviu falar que cabelo crespo não molha?”. Laura Fraiz mostrou um vídeo intitulado “Por um tempo fui tudo que pude e agora sou tudo que quero”. Jota Mombaça⁹, também conhecida como Monstra Erratik, apresentou a instalação “Pornô sob os escombros”, formada por um registro de performance, texto e tijolos de concreto. O vídeo “Experimentando o Vermelho em Dilúvio”, de Michelle Matiuzzi, foi exibido durante a abertura da exposição. Ventura Profana¹⁰ apresentou a colagem digital “Um Estudo em Vermelho; Batismo.” Micaela Cyrino mostrou “Cura”, registro de performance desenvolvida na residência “Positiva – *El Cuerpo VIH*” realizada em Quito, Equador.

Ampliando as discussões sobre percepções artísticas para o espaço urbano, a mostra “Zonzo”, aberta ao público em quatorze de setembro de 2019, curada por Chico Soll, contou com obras de jovens artistas como Ana Júlia Vilela, Daniel Higa, Eduarda Freire, Mariano Barone e Santiago Pooter. No texto de apresentação, o autor revela a origem do termo que dá nome à exposição:

A expressão italiana “andare a Zonzo”, lembrada por Francesco Careri, resume a maneira com que os *Flanêurs*, os Dadás, os Surrealistas e a Internacional Situacionista encontraram de atingir esse estado: é preciso perder tempo vagando sem objetivo. Mais do que isso, é preciso que o caminhar desvele as zonas inconscientes da cidade. Esse tirar de véus parte, em todos os artistas de Zonzo, de um raciocínio muito explícito. A deambulação entre seus trajetos cotidianos é constantemente bombardeada por informações simbólicas que, ao olhar desavisado, são apenas parte de um todo.

8 Distro Dysca é uma plataforma autogestionada, “de produção cultural, propagação filosófica e agitação política, preocupada com a construção de materialidades combativas a uma sociedade normativa, hegemônica e opressora, cruzando diversas linguagens em perspectiva descolonial, sexodissidente e interseccional, como horizontes imprescindíveis para a emergência de emancipação, equidade e justiça, aqui e agora”. Monstruosas é o nome de um grupo que promove cursos e produz material visual como zines e vídeos com conteúdo específico, voltado ao público adulto. Fonte: monstrosmares.com.br

9 Artista interdisciplinar cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance. Sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero. Através da performance, ficção visionária e estratégias situacionais de produção de conhecimento, pretende ensaiar o fim do mundo tal como o conhecemos e a figuração do que vem depois de desalojarmos o sujeito colonial-moderno de seu pódio. Fonte: ims.com.br.

10 Ventura Profana é cantora, escritora, compositora, performer, artista visual, missionária e evangelista. Pesquisa as implicações e metodologias do deuteronismo no Brasil e no exterior através da difusão das igrejas neopentecostais. Fonte: ims.com.br

Entretanto, o olhar atento do artista que flana, consegue ler a cidade como um texto e, a partir desse texto, destacar estes estímulos. Vendo além da ilusão da cidade, os cinco artistas, ao flunar, se transformam no próprio ilusionista: transformam os símbolos em novos significantes, reconfigurando a própria paisagem. Em Zonzo, o panorama da cidade é um convite a vivenciar essa ilusão, a caminhar desatento, mesmo com destino. (SOLL, 2019)

Todas as imagens e artefatos apresentados na exposição “Zonzo” (Figura 5) estavam relacionadas com a experiência de deambular pela cidade, percebendo os movimentos, as cores, as sonoridades, os odores. A mostra invocava os universos urbanos dos dias e das noites intensas: das imagens captadas acidentalmente às imagens construídas para habitar a cidade, dos produtos industriais retirados das suas funções ordinárias e ressignificados, às coisas arbitrariamente associadas. A cidade é, afinal, um organismo vivo, capaz de absorver tudo o que recebe, e de produzir estímulos sensoriais que revelam informações sobre o conjunto da coletividade e sobre as existências individuais.

Zonzo **PREGO**

Ana Júlia Vilela
Daniel Higa
Eduarda Freire
Mariano Barone
Santiago Pooter

14 de setembro de 2019
19h às 00h
Rua Garibaldi, 1329

Apoio: **FICARE** Realização: **CLAVA**

Figura 5. Cartaz da exposição Zonzo.

Neste contexto, Ana Julia Vilela apresentou o vídeo “Uma volta por Sampacity”. Eduarda Freire mostrou o registro de intervenção urbana “Balletzinho”. Santiago Pooter mostrou um conjunto de cartazes de rua intitulado “Você já sabe qual minha escola: aluno do submundo” (2018-2019). Daniel Higa apresentou “*Product of America*”, feito com sacolas de plástico. Mariano Barone apresentou a obra “*Paradise Remisses*”, feita de lona, correntes, pingentes de acrílico e cabos de aço.

Em dezembro de 2019, a Prego abria a exposição “Há algo que atrai”, com obras de Marina Borges e curadoria de Anelise Valls, que assim apresentava o trabalho da artista:

a exposição de Marina Borges apresenta uma série de obras, em sua maioria inéditas, que se movem na dissolução das formas constituídas e desmontam a via de objetividade convencional. É na ilegibilidade de novos arranjos visuais e no deslocamento do objeto reconhecido que sua arte opera uma tensão entre desejo e repulsa, ou ainda, entre o palatável e o repugnante. No caminho ao encontro do abjeto, o processo artístico de Marina recupera signos subvertidos e ultrapassa a interdição para repousar em perturbações de identidade, sistema e ordem. Qual é a ordem da desordem? (VALS, 2019)

A exposição trazia um conjunto de obras cujos elementos, na maior parte das vezes, estão em oposição: objetos perfurantes associados a materiais inertes, artefatos pontiagudos que podem ferir, e materiais que diluem e escorrem. Havia resina escorrendo sobre uma superfície ou *piercing* perfurando o couro; *piercing*, corrente e placa de metal cujos possíveis usos são desativados; um bolo falso que não pode ser consumido, ao lado de uma placa que estampa dentes vorazes; uma faca envolta por uma película de açúcar. Diz ainda a curadora:

Nessas práticas desviantes, o indecente, o nojento, o violento se ancoram ao paladar, à doçura do açúcar, às seivas orgânicas que, sem origem e sem destino, colapsam uma série de sensações que dissolvem o eu, nos deixando em suspenso na realidade cotidiana. (VALS, 2019)

Simbolicamente, todas essas combinações estão relacionadas com as experiências corporais, especialmente de cunho sexual, que se mantêm no limiar entre a dor e o prazer. São confissões sobre a atração exercida pelo perigo, ou exercícios que levam ao limite a capacidade de suportar a dor física. Mas também se referem ao potencial agressivo que os objetos podem portar, ainda que neutralizados pelo entorno. Como contraponto às situações sugeridas pelas outras obras, no vídeo “Substância fantástica”¹¹, uma fonte luminosa irrompe num ambiente obscuro, enquanto ouvimos sonoridades que lembram experiências místicas ou religiosas.

A última exposição apresentada na Prego ocorreu entre fevereiro e março de 2020, ano marcado pela pandemia de COVID19. Chamava-se “Dioptre”¹² (Figura 6) de Andressa Cantergiani e Roberta Vaz, e foi desenvolvida durante uma residência no *Display Project Space* e na *Hochschule Hannover - Fakultät III, Abteilung Design und Medien*, Berlim e Hanover, Alemanha, 2019. Com apresentação de Bernardo de Souza, curador já consagrado institucionalmente, o trabalho buscava mostrar, numa relação metafórica com as narrativas baseadas

11 Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1YlFwBdDBGW0gUdVuE7uDz1gQKbFo-X_h/view

12 O termo “dioptre” refere-se a uma unidade que mede o poder de flexão – ou de refração – de um sistema ótico.

em situações opostas, como o processo artístico converge, refrata, transforma e revela contradições sobre o contexto social e político atual.

O final desta exposição marcou o início de um período de latência, e, finalmente, de desativação da galeria, cujas atividades seriam interrompidas pelas interdições sanitárias causadas pela pandemia de COVID 19 e pela mudança da Agência Clava para a cidade de São Paulo.

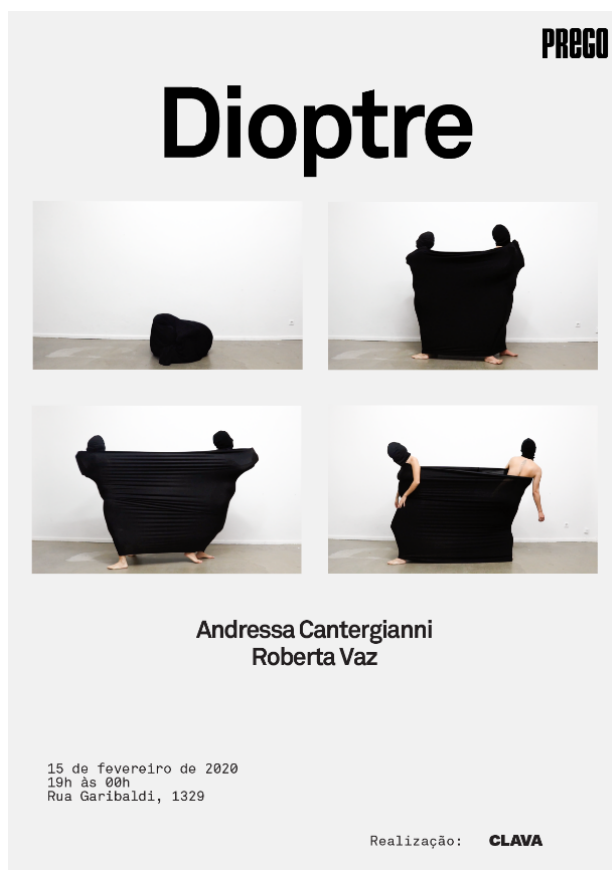


Figura 6 – Cartaz da exposição “Dioptré”.

Prego, até breve!

Como vimos no caso da galeria Prego, espaços artísticos independentes ou alternativos têm como característica básica a liberdade para desenvolver experimentações. A originalidade das programações, assim como a falta de vínculos com instituições acadêmicas, governamentais e privadas, dependendo o sustento dos espaços de trabalho exclusivamente de seus fundadores e das ações por eles desenvolvidas reforçam o conceito de “espaço alternativo” aqui empregado.

Divergindo das convenções do circuito artístico – o que não deixa de ser uma maneira de praticar o criticismo –, esses espaços podem atrair as manifestações que menos se enquadrem nas fórmulas já sedimentadas tanto do universo acadêmico, quanto do mercado de arte, protagonizadas por artistas das novas gerações. (Figura 7).

Certas formas de expressão, como atos inaugurais de resistência, adquirem o caráter de manifestos que reivindicam mudanças na maneira de conceber, produzir e experimentar a fruição artística. Por essa razão, as obras, os registros históricos e os arquivos produzidos tornam-se importantes fontes de estudo e de reflexão para os futuros estudiosos, e merecem ser preservados e analisados.

Os interesses da galeria Prego, fortemente marcados pelo desejo de tratar de temas-tabu da sociedade contemporânea, penduraram entre as experiências nos espaços urbanos e nos redutos frequentados por grupos sociais que se sentem ameaçados e cerceados nas suas formas de expressão e de vida, como percebemos pelo conjunto de mostras ocorridas especialmente em 2019.

A exposição “Zonzo” convidava o público a experimentar os prazeres de andar à deriva e ressignificar os lugares quase não vistos das cidades. A exposição “Motes” expunha não apenas concepções artísticas ou estéticas, mas também as condições de vida de grupos socialmente discriminados. Neste último caso, a experiência da dor física e psicológica foi sublinhada tanto nas obras quanto nos depoimentos dos(as) artistas. Noutras propostas curatoriais, dor e prazer formavam uma combinação indissociável, como nas exposições “Corpo Glorioso” e “Há algo que atrai”. Como bem acentuou Anelise Vals, “os elementos relacionados ao corpo são empregados em práticas de representação como uma potente navalha contra normas e regimes de disciplina e controle”. (VALS, 2019)



Figura 7 - Abertura de exposição na Prego, 2018.

Uma característica notável dos projetos da Prego foi o uso dos recursos digitais e das tecnologias de comunicação, importantes em todas as fases, desde a seleção de artistas e de obras até a divulgação das exposições e registro dos eventos, que puderam atingir um público global.

Dominar o uso das ferramentas tecnológicas facilitou sobremaneira o contato com artistas e suas obras, muitas das quais produzidas em meios eletrônicos e divulgadas através da rede mundial de computadores. Desta forma, tanto o contato com as obras quanto os procedimentos curatoriais estão relacionados com as novas formas de comunicação, bastante comuns entre os jovens. A necessidade, contudo, de exposições físicas, ainda que realizadas em ambientes de acesso restrito ao grande público, como no caso da pequena sala utilizada pela galeria, parece ser um sintoma de que o mundo digital, com toda a sua capacidade expansiva, embora faça parte de uma realidade incontornável, não é suficiente para dar conta da riqueza material e expressiva das obras de artes visuais. E, é claro, as aberturas das exposições continuam sendo momentos fundamentais de encontros e de trocas entre as pessoas que possuem os mesmos interesses e enfrentam situações similares.

Evidentemente, a ausência de verbas governamentais ou privadas para o desenvolvimento das atividades propostas traz uma série de dificuldades aos artistas e agentes culturais, que precisam recorrer a recursos próprios, ou a determinadas estratégias para conseguirem dar seguimento aos projetos. Em contrapartida, os espaços alternativos também servem para dar visibilidade aos jovens que aspiram seguir carreira na área de artes visuais, seja como artistas, curadores ou gestores. Curiosamente, os rumos seguidos pelos participantes dos projetos “alternativos”, em certas circunstâncias, podem ser os da gradual institucionalização profissional, dependendo das opções e aspirações dos indivíduos envolvidos. Em suma, a Prego, na sua curta existência na capital do estado mais meridional do país, deixou marcas tão intensas que nos fazem pensar que toda essa energia pulsante não se extinguiu por completo. O projeto merece ser reativado, mesmo que seja noutra conjunção espaço-temporal, quando as intercorrências políticas forem menos ameaçadoras e os valores republicanos e democráticos sejam garantidos.

Referências

ALVES, Douglas Santos. **Movimento LGBT, participação política e hegemonia**. Porto Alegre: PPGCP/ UFRGS, 2016. [Tese de Doutorado]

ALVES, Ricardo Henrique Ayres. **Artes visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades**. Porto Alegre: PPGAV/ UFRGS, 2020. [Tese de Doutorado]

LUERSEN, Paula Cristina. **Torreão, lugar de rastros**. Porto Alegre: PPGAV/ UFRGS, 2018 [Tese de Doutorado]

OLIVEIRA, Augusta da Silveira de. **Tenho o direito de ser quem eu sou: o movimento de travestis e transsexuais em Porto Alegre (1989-2010)**. Porto Alegre: PPGH/ UFRGS, 2018

NEVES, Rafael Cavalheiro. **Caos, norma e possibilidades de subversão: psicanálise nas encruzilhadas do gênero**. Porto Alegre: PPGP/ UFRGS, 2019. [Tese de Doutorado]

NUNES, Kamilla. **Espaços autônomos de arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013. Fonte: disponível em: <http://editoracircuito.com.br/website/wp-content/uploads/2013/11/espacos-autonomos-web-11.pdf>

SOLL, Chico. Fonte: disponível em: <https://chicosoll.wixsite.com/prego>

TEJO, Cristiana Santiago. **Made in Pernambuco: Arte contemporânea e o sistema de consumo cultural globalizado**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3466>

VALLS, Anelise. Há algo que atrai. **Marina Borges**, 2019. Disponível em: <https://marina-borges.com/EXPOSICOES>. Acesso em: [data]

<http://instagram.com/galeriaprego>

<https://distrodysca.milharal.org/tag/galeria-prego/>

https://drive.google.com/file/d/1PhgVtMHdTPKj_EkiK0lXYFcBmJUr3Gcj/view?usp=sharing

https://drive.google.com/drive/folders/198EYZ7HRWxzVvYSunT8Kb901cnSCd_9e

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/galeria-prego/>

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3466/1/arquivo4721_1.pdf

<https://www.casatriangulo.com/pt/artista/40/daniel-lie/curriculum/>

<https://www.instagram.com/galeriaprego/?hl=pt-br>

<https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/agenda/andressa-cantergiani-e-roberta-vaz-inauguram-exposicao-na-galeria-prego/>

Sobre a autora

Neiva Bohns é historiadora, curadora e crítica de artes visuais. Possui mestrado e doutorado em História, Teoria e Crítica das Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora e pesquisadora do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, onde ministra disciplinas de Arte Contemporânea, e História da Arte no Brasil. É vice-presidente do Comitê Brasileiro de História da Arte. Foi curadora-adjunta da Bienal do Mercosul. Realizou curadorias na Fundação Vera Chaves Barcellos, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul e no Instituto Ling.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5991390147950572>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7300-3240>

Recebido em: 15-09-2021 / Aprovado em: 16-02-2022

Como citar

BOHNS, Neiva. (2021). Prego, lugar de experimentações artísticas e curatoriais. *Revista Estado da Arte*, Uberlândia. v.2, n.2, p. 419-433, jul./dez. 2021. <https://doi.10.14393/EdA-v2-n2-2021-62978>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.